

O EUNUCO DE INÊS DE CASTRO

Teatro no País dos Mortos

de

ARMANDO NASCIMENTO ROSA



Prefácio de Patrícia da Silva Cardoso

isbn

972-8661-32-0

depósito legal

249571/06

capa de Fernando Colaço sobre pintura

de Margarida Cepêda (2005)

“Vigília e Sono”

impressão e acabamento

tipografia lousanenese, lda

casa do sul editora

ap. 2181, 7001-901 Évora

Armando Nascimento Rosa

O EUNUCO DE INÊS DE CASTRO

Teatro no país dos mortos

PREFÁCIO de

PATRÍCIA DA SILVA CARDOSO

C A S A d o S U L

O EUNUCO DE INÊS DE CASTRO

Teatro no País dos Mortos

O Eunuco de Inês de Castro – Teatro no País dos Mortos tem a sua estreia cénica em 1 de Dezembro de 2006, na sala principal do Teatro Municipal Garcia de Resende, em Évora, como espectáculo de abertura do IV Encontro de Teatro Ibérico Évora/2006, constituindo a 154ª produção do Cendrev (Centro Dramático de Évora), com o seguinte elenco artístico:

Encenação: Paulo Lages

Dramaturgia: Armando Nascimento Rosa e Paulo Lages

Interpretação, por ordem de entrada em cena:

Primeiro Funcionário: Figueira Cid

Segundo Funcionário/Afonso IV: Álvaro Corte-Real

Inês de Castro: Maria Marrafa

Constança Manuel/Catarina Tosse: Isabel Bilou

Afonso Madeira: Jorge Baião

Pedro I: Rui Nuno

Repórter Morto/Fernão Lopes: José Russo

Cenografia: Acácio de Carvalho

Figurinos: Manuela Bronze

Música original: Carlos Marecos

Canção (*Trova Provençal*): Armando Nascimento Rosa

Desenho de Luz: António Rebocho

Direcção Técnica: João Carlos Marques

Direcção de Cena: Pedro Bilou

Direcção de Construção: António Galhano

FANTASMAS DRAMÁTICOS

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO DA CARONTE & FILHOS Lda.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO DA CARONTE & FILHOS Lda.

INÊS DE CASTRO

CONSTANÇA MANUEL

AFONSO MADEIRA

REPÓRTER MORTO/FERNÃO LOPES

PEDRO I

CATARINA TOSSE

AFONSO IV

A acção cénica decorre na actualidade, numa das múltiplas ilhas do país dos mortos.

O Primeiro Funcionário da empresa Caronte & Filhos Ld.^a está em cena, em farda de trabalho (na qual se lê distintamente nas costas, em letras gordas, a designação da empresa), a verificar a solidez das estruturas do cenário. Entra o Segundo Funcionário, com uma farda igual.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Tu és novo na empresa?

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Eu ando sempre a mudar de funções. É o meu castigo. Não paro em ramo verde.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Onde é que vens transferido?

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Das ilhas Malditas. Já lá estava há séculos.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Ena pá! A tua pena é das pesadas. Foste assassino em série?

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: No meu tempo não havia disso.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Mentiroso! Assassino é uma palavra antiga. Houve sempre muitos em todas as épocas. O que é que fizeste em vida para ir parar às ilhas Malditas?

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Fui um grande rei na Idade Média.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Então está tudo explicado.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: O que é que se faz aqui? Deram-me o fato-macaco e meteram-me num barco da empresa. Mas ninguém me informou de nada.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Temos a nosso cargo a manutenção destas ilhas.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Porquê? Elas estragam-se com o uso?

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: As ilhas em que estamos são artificiais e por isso requerem mais cuidados. A empresa construiu-as para mortos de excepção.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Parecem mais um cenário de teatro.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: E parecem aquilo que são.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Para que diabo serve um cenário de teatro no país dos mortos?

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Vê-se mesmo que vieste das ilhas Mal-ditas. Não estás acostumado à civilização. A arte cénica floresce nesta Veneza dos mortos.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: E quem é que patrocina os eventos?

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: A empresa que nos emprega aos dois. A Caronte & Filhos Ld.^a. Poupam nos impostos e melhoram a imagem. É impressionante a história deste negócio de família. Começou com o avô Caronte e a sua barca a meter água. O velho era avarento mas soube investir as moedas de cada morto transportado. O aumento de mortes por guerras e por pestes fez ampliar a frota da Caronte & Filhos, e hoje é a maior empregadora do país dos mortos.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: E a única, suponho. Não me vais dizer que os mortos se queixam de desemprego.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Enganas-te. Vocês nas Malditas não eram mais que prisioneiros em trabalho forçado. Mas aqui a realidade é outra. Temos balança comercial e somos pagos em euromortos.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Euromortos?

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Sim. A moeda varia com a nacionalidade do morto. Se fores europeu da comunidade recebes em euromorto ou libramorta.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: E um morto gasta o dinheiro em quê? Não se come, não se bebe, não se vai à caça...

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Mas pode-se ir ao teatro. E nestas ilhas vês o melhorzinho que se faz por cá.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Eu não me adapto a estes costumes finos. Vivi em castelos de pedra fria e combati no tempo em que para carregar uma espada era preciso comer uma arroba de bifes do lombo. Um soldado não podia ser vegetariano.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Precisas de ver muito teatro para te cultivares.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Tu só falas em teatro. Eras actor antes de morrer?

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO: Gostava de ter sido, mas faltou-me o talento. Fiz umas figuras tristes nos palcos da minha terra. No meu tempo não havia televisão. E acabei por convencer-me de que só tinha jeito para uma coisa.

SEGUNDO FUNCIONÁRIO: Vendias os bilhetes e sentavas o público.